

# Religiões mundiais e Ethos Mundial

Hans Küng

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

*Reitor*

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

*Vice-reitor*

Aloysio Bohnen, SJ

### **Instituto Humanitas Unisinos**

*Diretor*

Inácio Neutzling, SJ

*Gerente administrativo*

Jacinto Schneider

### **Cadernos Teologia Pública**

Ano IV – Nº 33 – 2007

ISSN 1807-0590

*Responsável técnica*

Cleusa Maria Andreatta

*Revisão*

André Dick

*Secretaria*

Camila Padilha da Silva

*Editoração eletrônica*

Rafael Tarcísio Forneck

*Impressão*

Impressos Portão

*Editor*

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

*Conselho editorial*

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dr. Laurício Neumann – Unisinos

MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

*Conselho científico*

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

---

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

*Instituto Humanitas Unisinos*

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

**[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)**

## **Cadernos Teologia Pública**

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos de Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.



## Religiões mundiais e Ethos Mundial

Hans Küng

### Introdução: Religião e Ethos

Eu inicio com uma pergunta que freqüentemente é colocada em conexão com o Ethos Mundial: é possível ser moral, mesmo sem fé? Minha breve resposta: sim, é possível. E esta resposta não me surgiu somente em conexão com o Ethos Mundial, mas me ocupa desde meu tempo de estudante em Roma e desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), o qual expressou claramente: também uma pessoa que não crê em Deus, se ela, de acordo com sua consciência e com a graça de Deus, fizer aquilo que ela pode fazer, pode alcançar a salvação eterna. Em meu livro “Existiert Gott? Antwort auf die Gottesfrage der Neuzeit” [“Deus existe? Resposta à questão sobre Deus da modernidade”] (1978) eu respondi explicita-

mente a esta questão – não por último numa controvérsia com Ernst Bloch, Bertrand Russel e Albert Camus. Sim, também ateus, agnósticos, céticos podem, sem dúvida, ter um *ethos* que, no entanto, não se fundamenta numa fé em Deus, porém numa confiança básica na realidade. É algo como uma moral fundamental.

Naturalmente, você me coloca, então, a pergunta: por que ter ainda uma religião? O que me faltaria, se eu não fosse religioso, se eu não tivesse nenhuma religião?

– Eu não teria nenhuma resposta convincente sobre o definitivo de onde e para onde de minha existência: somente a religião consegue fornecer uma específica dimensão de profundidade, um abrangente horizonte de interpretação, também em face do sofrimento, da injusti-

ça, culpa e insensatez, conferindo um último sentido à vida também em face da morte.

– Eu não teria nenhuma resposta sobre o porquê e o para quê de minha responsabilidade: somente uma religião consegue garantir valores supremos, normas incondicionais, motivações profundas e ideais supremos. Somente a partir de uma autoridade absoluta e ilimitada pode ser fundamentado porque mandamentos da humanidade têm caráter obrigatório incondicional e categórico, porque, então, o ser humano deve em cada caso (também quando isso está em contradição com seus próprios interesses) tratar humanamente cada pessoa.

– Eu não teria nenhuma pátria ou comunidade espiritual. Somente a religião consegue criar, através de símbolos, rituais, vivências e fins, um ambiente aconchegante de confiança, fé, certeza, força pessoal, refúgio e esperança.

– Eu não teria nenhuma resposta sobre a saudade do “totalmente Outro”, já agora eficaz e insaciável. Somente a religião consegue fundamentar um protesto e resistência contra situações injustas.

Uma religião autêntica confere-me, desta forma, enorme liberdade, porque uma religião autêntica se relaciona com o uno Absoluto, com Deus. Com isto, ela se distingue essencialmente de toda quase- ou pseudo-reli-

gião que absolutiza ou diviniza algo relativo. Isso se deu anteriormente com a “deusa razão” atéia e também com o “deus progresso”, com todos os seus “deuses subalternos” (igualmente não questionados por longo tempo) no panteão da modernidade: ciência (ciências naturais), tecnologia (“high tech”) e indústria (“capital”). Todos eles aparecem agora, na pós-modernidade, amplamente desmitizados e des-ideologizados, ou seja: relativizados. Nesta nova constelação mundial, também não deveríamos substituí-los por um novo ídolo, como, por exemplo, o “mercado mundial”, ao qual deveriam ser subordinados todos os valores, porém afirmá-los pela fé renovada no único e verdadeiro Deus. Uma religião autêntica, que se relaciona assim ao uno e único Absoluto, tem na pós-modernidade outra vez uma nova chance – nem mais e nem menos.

A partir da religião, com base nas maiores figuras da humanidade, pode tornar-se concretamente nítido o que eu não posso clarear por frases abstratas, ou seja: o que significa uma conduta ética num caso bem prático. A parábola do bom samaritano diz mais do que uma sentença doutrinal sobre a conduta humana. E unicamente a figura de Jesus Cristo, com sua mensagem, sua conduta e seu destino, diz infinitamente mais do que qualquer sistema ético. Neste sentido, eu professo precisa e voluntariamente, como predecessor de um Ethos Mundial, que,

para mim, como cristão, através de toda a minha vida este Jesus Cristo foi até hoje e continuará sendo o caminho, a verdade e a vida, e também a luz.

São estes hoje os três grandes termos programáticos de uma espiritualidade cristã: paz mundial, religiões universais, Ethos Mundial.

## 1 Sobre a questão da paz mundial

O mundo atual: num grande número de nações estão ativas missões de paz das Nações Unidas. Mas as Nações Unidas já estão agora sobrecarregadas com suas atuais missões de conservação da paz. Atualmente, as Nações Unidas contam com uns 200 membros (comparadas com 51 no ano de 1945). Funcionários das Nações Unidas calculam que se também a África devesse ser dividida segundo fronteiras étnicas, o número de “Estados soberanos” cresceria para uns 450. Porém, se sempre menores unidades étnicas e religiosas quiserem conquistar o status de um “Estado soberano”, não só a África, mas também a Europa, da Espanha até o Cáucaso, se transformará num caos por estilhaçamento. As unidades se tornam cada vez menores, a perspectiva cada vez mais estreita, a pressão por delimitação sempre mais fanática.

A Iugoslávia é um exemplo alertador. Movimentos migratórios de amplitude mundial e a inimizada para com estranhos, infelizmente com eles relacionada em muitas nações, mostram-nos quão próximos se tornaram para nós os problemas e são também uma admoestação, no sentido de mudarmos nossa maneira de pensar e chegarmos a melhores regras de convivência neste único mundo e nesta única humanidade. Mas como?

Pode parecer temerário falar de paz mundial, religião mundial e Ethos Mundial em face da guerra na Iugoslávia, onde sérvios ortodoxos, croatas católicos e bósnios muçulmanos, bem como albaneses de Kosovo, se envolviam em horrorosas e sangrentas chacinas; em face da situação no Oriente Próximo, em face das tensões entre hindus e muçulmanos (e sikhs) no subcontinente indiano, ou entre cingaleses budistas e tamienses hindus no Sri Lanka. Porém, quando isso seria mais premente do que hoje? Pois a exigência de uma paz mundial através das religiões mundiais não é santo e senha de bom tempo ou de luxo. Ela provém de amargas experiências do passado e do presente, de guerras sangrentas de ontem e de hoje, nas quais as religiões, com freqüência, desempenharam e desempenham um papel fatal.

Diante disso, ninguém quer uma religião unitária. O objetivo não é uma unidade das religiões, como deve

ser o objetivo entre as igrejas cristãs, onde uma unidade mental-espiritual finalmente deveria suspender toda ex-comunhão em nível local. Porém, uma paz entre as religiões é o objetivo, sim. E que significado não teria se de fato todos os líderes das grandes religiões falassem e também agissem em favor da paz entre as confissões, as religiões e as nações!

O que não teria significado para a velha Iugoslávia, se os passados quarenta anos desde a Segunda Guerra Mundial tivessem sido aproveitados, sobretudo pelos bispos croatas católicos e pelos bispos sérvios ortodoxos, para se fazer um balanço honesto dos erros e crimes que nesses anos foram cometidos de ambas as partes, sobretudo os dos croatas na Segunda Guerra Mundial, os quais não foram menos terríveis do que os dos sérvios nos anos 1990? O que não teria significado se, após o trabalho do luto e a assimilação da culpa, se tivesse reciprocamente pedido perdão e concedido a reconciliação, como aconteceu entre a França e a Alemanha? Algo semelhante poderia ser dito da Irlanda do Norte, do Oriente Próximo e de todas as regiões de crise do nosso planeta. Aqui devemos todos mudar a nossa maneira de pensar. Trata-se de nada mais nada menos do que de “um novo paradigma de relações globais”, como esbocei em livros como *Projeto de ética mundial* ou *Uma ética global para a política e a econo-*

*mia mundiais*. Muitas idéias que ali sustentei entraram no Manifesto para as Nações Unidas “Brücken in die Zukunft” [“Pontes para o futuro”] (Fischer Verlag, Frankfurt, 2001). Junto com a antropóloga brasileira Ruth Cardoso, eu pertenci a um grupo de 20 pessoas, “Group of eminent Persons”, convocado pelo secretário-geral das Nações Unidas Kofi Annan, a fim de elaborar um relatório para o diálogo das culturas sobre um novo paradigma de relações internacionais. Apresentamos o nosso manifesto no dia 9 de novembro de 2001 ao secretário-geral e à Assembleia geral das Nações Unidas, sob o título “Crossing the Divide”, em alemão [e português] precisamente “Pontes para o futuro”.

O novo paradigma afirma basicamente: em vez da moderna política nacional de interesses, poder e prestígio (como ainda era em Versalhes), uma política de compreensão, aproximação e reconciliação regional. Pela França e Alemanha, isto foi realizado previamente de maneira exemplar. Isso exige, no agir político concreto – também no Oriente Próximo, no Afeganistão e na Caxemira –, ao invés da anterior confrontação, agressão e revanchismo, recíproca cooperação, compromisso e integração.

Esta nova constelação política global pressupõe evidentemente uma mudança de mentalidade que ultrapassa de longe a política do dia-a-dia:

– Novas organizações não bastam para isso; faz-se necessário um novo modo de pensar (“mindset”).

– A diversidade nacional, étnica e religiosa já não deve mais ser entendida basicamente como ameaça, mas, no mínimo, como possível enriquecimento.

– Enquanto o velho paradigma sempre pressupôs um inimigo, e até mesmo um inimigo hereditário, o novo paradigma já não necessita de nenhum inimigo, porém antes de parceiros, concorrentes e, com freqüência, também de oponentes. Em vez de confrontação militar, vale em todos os níveis a concorrência econômica.

– Porque se comprovou que o bem-estar nacional não é incentivado duradouramente pela guerra, mas unicamente pela paz, não pelo agir de uns contra os outros, ou uns ao lado dos outros, mas pela cooperação e convivência uns com os outros.

– E porque os diversos interesses atualmente existentes são satisfeitos na reciprocidade e convivência é possível uma política que não é mais um jogo de somas zeradas, no qual um vence às custas dos outros, porém um jogo de somas positivas, no qual todos ganham.

Naturalmente, neste novo paradigma, a política não se tornou simplesmente mais fácil, porém permanece

como a “arte do possível” – agora evidentemente livre de violência. Se ela deve funcionar, não pode fundar-se sobre um pluralismo aleatório “pós-moderno”. Ela pressupõe, antes, um consenso social, referente a determinados valores, direitos e deveres básicos. Este consenso social básico deve ser carregado conjuntamente por todos os grupos sociais, por crentes e não crentes, pelos adeptos das diversas religiões, filosofias e ideologias. Não se exige, portanto, apenas uma nova política e uma nova diplomacia, porém uma conversão dos corações, uma real aceitação recíproca, um novo Ethos.

Para nós, como cristãos, deve aí valer evidentemente a pergunta decisiva: o que o próprio Jesus exigiria, se ele voltasse? Eu creio que ele exigiria de nós uma convivência solidária,

– que renuncia não só a guerras religiosas, perseguição e inquisição, praticando tolerância religiosa, mas que também substitui, na relação com as outras religiões, o egoísmo coletivo pela solidariedade do amor;

– que, por isso, em vez de fazer um balanço da história das culpas entre as religiões, pratica o perdão e ousa um recomeço.

## 2 Sobre a questão das religiões mundiais

Durante séculos, foi impossível uma reconciliação entre as religiões. As diferenças e a desconfiança entre as religiões eram demasiado profundas, como também eram demasiado profundos os preconceitos. As religiões viviam num intencionalmente “isolamento” recíproco. Mas a situação global se modificou decisivamente.

A política, a economia e o sistema financeiro mundial codeterminam essencialmente nosso próprio destino nacional e regional. Que não mais existem ilhas nacionais ou regionais estáveis, começa-se, agora, a reconhecer lentamente por toda a parte. E, apesar do forte estilhaçamento dos interesses nacionais e regionais, já existe, contudo, um tão forte entrelaçamento mundial político, econômico e financeiro, que economistas falam de uma sociedade global e sociólogos de uma civilização global (no sentido técnico-econômico-social): uma sociedade e civilização globais como campo de interação interconectado, no qual estamos todos direta ou indiretamente envolvidos.

No entanto, esta emergente sociedade global e civilização tecnológica mundial – e isto é importante para mim – de nenhum modo expressa também uma cultura global unitária (no sentido artístico-espiritual-estrutural-

do), ou mesmo uma religião global. A sociedade mundial e a civilização global incluem uma multiplicidade de culturas e de religiões, em parte até re-acentuada. Ter fé numa única religião global é uma ilusão, e temê-la é insensatez. Como dantes, é confusa, no mundo de hoje, a multiplicidade das religiões, confissões e denominações, das seitas, dos grupos e movimentos religiosos. Trata-se de um quase inabrangível estar juntos, misturados e opostos, que não pode nem deve ser colocado sob um denominador comum.

E, contudo, há elementos comuns entre as religiões. Todas as religiões – por mais confusas que elas sejam – são mensagens salvíficas, que respondem todas de maneira semelhante a questões básicas do ser humano, às eternas questões sobre amor e sofrimento, culpa e redenção, vida e morte: de onde vem o mundo e seu ordenamento? Por que nascemos e por que devemos morrer? O que determina o destino de cada um e da humanidade? De que modo se fundamenta a consciência moral e a presença de normas éticas? E todas as religiões, além de toda interpretação global, também oferecem caminhos de salvação semelhantes: caminhos de saída da necessidade, do sofrimento e da culpa da existência; orientação para uma ação significativa e conscientemente responsável nesta vida – para uma salvação duradoura, perma-

nente e eterna da redenção de toda dor, da culpa e da morte.

Não resta dúvida: cada religião, como fenômeno humano, é ambivalente – ambivalente como o direito, a arte ou a música, que também foram e são maciçamente desvirtuadas: também as religiões, do ponto de vista sociológico, são sistemas de poder orientados para a estabilização e expansão de poder. Elas dispõem de um elevado potencial combativo. Mas elas também dispõem de um potencial pacificador, muitas vezes desconsiderado. A religião pode, sem dúvida, instigar, mas ela também pode atuar tranqüilizadamente. A religião pode motivar, incentivar e prolongar guerras, mas ela também pode impedir e encurtar guerras. Eu gostaria de dizê-lo aqui com toda a clareza: devido aos amplos aspectos estratégicos, econômicos e políticos, não pode, também em nossos dias, ser desconsiderada a dimensão social, moral e religiosa das crises político-mundiais.

Não resta dúvida: as religiões do mundo estão profundamente conflitadas entre si. Em todas as grandes religiões cósmicas se desenvolveram sistemas de pensamento e de crença que, em última análise, são irreconciliáveis entre si. Porém, minha questão básica é esta: as religiões mundiais devem estar necessariamente em confronto e luta entre si? Pois a paz está em primeiríssimo

lugar em seu programa. Sua primeira tarefa, nesta época, deveria ser a criação recíproca da paz, e isso com todos os meios que hoje nos fornece a mídia para:

esclarecer os mal-entendidos,  
superar as lembranças traumáticas,  
desfazer as imagens hostis estereotipadas,  
elaborar social e individualmente os conflitos de culpa,  
desfazer o ódio e a destrutividade,  
concentrar-se nos aspectos comuns. Todavia, será que os adeptos das diversas religiões sabem algo a respeito do que – apesar de suas grandes diferenças “dogmáticas” – é comum precisamente no Ethos? Absolutamente não.

Daí a necessidade de um Ethos Mundial.

### **3 Sobre a necessidade de um Ethos Mundial**

Um primeiro aspecto: para o entendimento entre as religiões não se exige nenhuma frente combativa dos crentes contra os não-crentes. A campanha de re-catolicização, sobretudo na Europa Oriental, que se designa eufemisticamente como re-evangelização, só conduz a uma

restauração das velhas trincheiras de guerra – nós não necessitamos novamente de uma divisão da sociedade e dos partidos políticos em clericais e anticlericais (exemplo: Polônia). O Projeto de Ética Global exige precisamente a aliança de crentes e não-crentes por um novo *ethos* básico comum.

Um segundo aspecto: em vista de um mínimo de *ethos*, um mínimo em valores comuns, de parâmetros vinculantes e convicções pessoais básicas, as religiões têm certamente uma função e responsabilidade específica. O que une todas as grandes religiões foi, em casos isolados, exatamente elaborado com base nas fontes. As religiões podem, onde querem, com outra autoridade e força de convicção, como políticos, juristas e filósofos, fazer valer máximas fundamentais de humanidade elementar. Sobretudo, a regra da humanidade: “Cada pessoa deve ser tratada humanamente!”. E, a seguir, a Regra áurea: “O que não queres que se faça a ti, também não o inflijas a nenhum outro”.

Isto deve ser feito conscientemente: pois todas as grandes religiões exigem determinados “padrões inegociáveis”: normas éticas básicas e máximas de orientação da ação, que são fundadas a partir de algo incondicionado, absoluto; por isso, elas também devem valer incondicionalmente para centenas de milhões de pessoas –

embora elas naturalmente não sejam cumpridas no caso concreto. Porém, a ética sempre é contrafática. Faticamente sempre se atua contra ela. Mas é essencialmente diferente, se ela ainda vale em princípio, ou se ela é faticamente contornada ou supervalorizada, reprimida ou esquecida, se a pessoa sabe que é culpada, quando se torna culpada.

Aqui, a Declaração sobre o Ethos Mundial, que o Parlamento das Religiões cósmicas publicou aos quatro de setembro de 1993 em Chicago, obteve concreção. Trata-se de um passo inédito, para a mais recente história da religião, que uma assembléia de pessoas de todas as religiões mundiais tenha chegado a um acordo sobre um texto básico que formulou princípios éticos comuns e orientações incontornáveis. Todas as religiões podem e devem empenhar-se ativamente e aceitar obrigações pessoais. Trata-se aí do seguinte:

– A obrigação por uma cultura da não-violência e do respeito por toda vida: “Não matar – mas também não torturar, maltratar, ferir” – ou, positivamente: “Tenhas respeito perante a vida!”.

– A obrigação de uma cultura da solidariedade e uma justa ordem econômica: “Não furtar – mas também não pilhar, chantagear, corromper”, ou positivamente: “Age honesta e lealmente!”.

– A obrigação por uma cultura da tolerância e uma vida em autenticidade: “Não mentir – mas também não enganar, falsificar, manipular”, ou positivamente: “Fala e age autenticamente!”.

– Enfim, com isso, todas as religiões têm evidentemente também os maiores problemas: a obrigação por uma cultura de iguais direitos e a parceria do homem e da mulher: “Não fazer mau uso da sexualidade – mas também de nenhum modo abusar, diminuir, aviltar o parceiro” – ou positivamente: “Respeitai-vos e amai-vos mutuamente!”.

Este esclarecimento do Parlamento das Religiões é um sinal de esperança para um futuro, no qual as religiões do mundo colaboram por um *ethos* comum da humanidade. Este esclarecimento deveria ser estudado e discutido intensivamente em todos os nossos grupos, paróquias, no ensino religioso e ético: ele está escrito na linguagem de nossa época, é genérico, porém não é abstrato; é concreto, porém não casuístico; é crítico e simultaneamente esperançoso. No decurso dos últimos anos, a fundação Weltethos disponibilizou uma grande quantidade de materiais e meios que ajudam para a expansão do Ethos Mundial. O Projeto multimídia “Spurensuche” [Busca de vestígios] (Religiões do mundo. Em busca dos

pontos comuns) sobre as religiões cósmicas, com os sete vídeo-filmes, o livro-texto que há pouco obteve sua segunda edição portuguesa, e o CD-Rom pedagogicamente elaborado, possibilita o ingresso em inúmeras escolas, comunidades e grupos. Na base da “Spurensuche” [busca de vestígios], foi criada a mostra “Religiões mundiais – Paz mundial – Ethos mundial”. Ela viaja há anos em diversos idiomas, até no chinês, por diversas nações da Europa e do mundo e até já pôde ser vista no quarteirão principal das Nações Unidas em Nova York.

Ante todas estas reflexões e atividades por um Ethos Mundial, devemos, no entanto, perguntar-nos, como cristãos, qual é o nosso *ethos* cristão específico, o qual representa para os cristãos singular aprofundamento, concretização e radicalização do Ethos Mundial: Jesus Cristo como “nossa Luz”: o que nós, iluminados por esta luz, devemos dizer sobre o sentido da vida e da morte, sobre o suportar da dor e o perdão da culpa, sobre uma desprendida doação e a necessidade da renúncia, sobre uma abrangente compaixão e uma duradoura alegria. Tal *ethos* cristão pode não só ser unificado com um Ethos Mundial, porém poderá aprofundar, especificar e concretizá-lo para os cristãos.

## Conclusão

Um Ethos Mundial poderá impor-se: todas as experiências históricas o demonstram. A nossa Terra não pode ser modificada sem que seja alcançada, a médio prazo, uma transformação da consciência e uma re-orientação do pensamento e da ação de cada um, como também do público. Isto já se comprovou em questões como (1) guerra e paz, (2) economia e ecologia e (3) homem e mulher. E, para tal transformação da postura interior, de toda a mentalidade, do “coração”, precisamente as religiões são responsáveis de modo todo particular. Evidentemente, será difícil obter um consenso universal para muitas das questões éticas individuais discutidas (desde a bioética e a ética sexual, através da ética da mídia e da ciência, até a ética econômica e estatal). Porém, no espírito dos princípios básicos comuns aqui desenvolvidos, deveriam também ser encontradas soluções para muitas das questões até agora controversas.

Estou convencido: a nova ordem mundial só será uma ordem melhor, quando ela se tornar um mundo social e plural, compartilhado e promotor da paz, amigo da natureza e ecumênico. Por isso, muitas pessoas se empenham já agora, com base em suas convicções religiosas ou humanas, por um Ethos Mundial comum e convocam

todas as pessoas de boa vontade a contribuírem para uma transformação da consciência em questões éticas.

Tudo o que eu disse até agora, eu posso resumi-lo conclusivamente em quatro breves sentenças:

Nenhuma paz entre as nações sem paz entre as religiões.

Nenhuma paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões.

Nenhum diálogo entre as religiões sem padrões éticos globais.

Nenhuma sobrevida do nosso Globo na paz e justiça sem um novo paradigma de relações internacionais na base de padrões éticos globais.

## Bibliografia seleta:

Hans Küng, *Projekt Weltethos*, Piper, Munique, 1990.

Hans Küng, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, Piper, Munique, 1997 (Em português: *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999).

Hans Küng – Karl-Josef Kuschel (ed.), *Wissenschaft und Weltethos* [Ciência e ethos mundial], Piper, Munique, 1998; edição de bolso: Série Piper 3247, Munique, 2001.

G. Picco, R. v. Weizsäcker, H. Küng (i.a.), *Crossing the Divide. Dialogue among Civilizations* [Cruzando a divisória. Diálogo entre civilizações], Seton Hall University, South Orange/NJ, 2001.

Edição alemã: *Brücken in die Zukunft. Ein Manifest für den Dialog der Kulturen. Eine Initiative von Kofi Annan* [Pontes para o futuro. Um manifesto para o diálogo das culturas. Uma iniciativa de Kofi Annan], S. Fischer, Frankfurt, 2001.

Hans Küng (coord.), *Dokumentation zum Weltethos*, Piper, Munique, 2002.

Hans Küng, *Wozu Weltethos? Religion und Ethik in Zeiten der Globalisierung (im Gespräch mit Jürgen Hoeren)* [Para que um Ethos mundial?

Religião e ética em tempos de globalização] (num colóquio com Jürgen Hoeren), Herder, Freiburg, 2002.

Hans Küng, *Erkämpfte Freiheit. Erinnerungen* [Liberdade conquistada. Recordações], Piper, Munique, 2002.

Hans Küng – Dieter Senghaas (coord.), *Friedenspolitik. Ethische Grundlagen internationaler Beziehungen* [Política da paz. Bases éticas de relações internacionais], Piper, Munique, 2003.

Hans Küng – *Der Anfang aller Dinge. Naturwissenschaft und Religion* [O início de todas as coisas. Ciências naturais e religião], Piper, Munique, 2005.

Hans Küng, *Umstrittene Wahrheit. Erinnerungen* [Verdade controversa. Recordações], Piper, Munique, 2007.





**Hans Küng** é teólogo católico nascido na Suíça em 1928. Vive desde 1967 na cidade alemã de Tübingen, em cuja Universidade trilhou brilhante carreira acadêmica. Por suas posições decididamente críticas diante de Roma, em 1979 teve a cassação de sua autorização canônica para lecionar Teologia em instituição superior católica. Para que ele e sua equipe de pesquisadores pudessem continuar atuando, a Universidade criou o Instituto de Pesquisas Ecumênicas, como unidade autônoma em relação à Faculdade de Teologia Católica. Em 1990, quando encerrou sua carreira na Universidade, Hans Küng lançou o *Projeto de Ética Mundial*. A proposta pretendeu fundamentar, a partir da pesquisa científica sobre o teor ético de cada uma das religiões mundiais, um Ethos Mundial capaz de responder aos desafios do mundo globalizado a partir do diálogo intenso entre culturas e nações diferentes.

Em 1995, criou a Fundação de Ética Mundial, sediada em Tübingen, na qual atua uma equipe executiva e de pesquisa científica e da qual Hans Küng é Presidente. Desde o ano 2000, ela vem oferecendo conferências sobre Ética Mundial para intelectuais e lideranças políticas mundiais e também desenvolvendo diversas atividades educativas sobre religiões mundiais e Ética Mundial.

### **Livros traduzidos para o português e relacionados diretamente com o tema deste Caderno:**

*Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999.

*Ética mundial e responsabilidades globais*: duas declarações. São Paulo: Loyola, 2001. Livro publicado em co-autoria com Helmut Schmidt, ex-chanceler da República Federal da Alemanha.

*Para que um ethos mundial*. Religião e ética em tempos de globalização (conversa com Jürgen Hoeren). São Paulo: Loyola: 2005.

*O princípio de todas as coisas*: Ciências Naturais e Religião. Petrópolis: Vozes, 2007.

*Projeto de ética mundial*: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1992.

*Religiões do mundo*: em busca dos pontos comuns. Campinas: Verus Editora, 2004.

*Teologia a caminho*: fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.